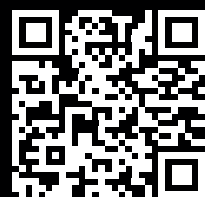
An abstract painting featuring a complex composition of blue and white tones. The background is a mix of light and dark blue washes. Overlaid on this are several thick, expressive brushstrokes in various shades of blue, some appearing as curved, layered bands. A large, dark, almost black shape dominates the lower-left and center. In the center of the image, the word "ESTRAGO" is written in a white, sans-serif font, with the word "(estrago)" written below it in a smaller, lowercase font, both enclosed in parentheses. The overall texture is rough and painterly, with visible brushwork and some cracking in the paint.

ESTRAGO
(estrago)



Escaneie o código ou acesse

<https://ocerne.com.br/links/zine.html>

para adquirir sua versão física da Zine.

*Este é um momento de passagem
Ao mesmo tempo plantio e colheita
É a hora de reconhecer os estragos
turbilhão de sentimentos, à deriva de nós mesmos*

PRELÚDIO (~~prelúdio~~)

Em torno dessa narrativa que chamamos de vida, cada ser se depara com suas construções do que é estar vivo e se sentir no mundo. Vamos descobrindo nossos caminhos e verdades, e inevitavelmente nos deparamos com o descontentamento na repetição e o receio do desconhecido.

A escala do Estrago que fazemos na Terra (com "Terra" entendemos tudo que nela habita), não só na perspectiva ambiental, tem chegado a dimensões inimagináveis, onde nunca antes na história tantas narrativas locais se conectaram a uma mesma narrativa global. Porém, o momento histórico que vivemos é de auto identificação e reafirmação de culturas, costumes, grupos sociais marginalizados, e até mesmo de cada um em suas individualidades.



Nos encontramos nessa grande contradição: nos definir subjetivamente e descobrir quem somos e queremos ser (e viver essa bonita dualidade ao longo da vida), mas também de enfrentar o desafio de entendimento e união a partir de nossas ideias, projetos, interesses, cultura e coletividade.

É o momento de repensar o existir.

Como podemos nós, habitantes de um mesmo planeta, nos conectarmos com nossa história e origem, para a construção de um novo espaço e de novas relações?

Culturas que há séculos vem sendo ameaçadas, se fortalecem pelo resgate da ancestralidade e reverenciam seus saberes.

De nossa parte, vindos de uma cultura hegemônica... , qual o papel do passado na construção de um ideal de transformação?

Nossa síntese é o estrago, mas a nossa existência sempre pode ser um contraponto ao que já passou.



(~~nossa síntese é o estrago~~)

Acostumados a viver na costa leste invasora do Brasil, a idéia do Estrago chega de longe, notícia tragédia distante que passa assim na nossa cabeça e voltamos ao trabalho consumo do cotidiano. No fluxo frenético de informação, a dor do outro é naturalizada e nos tornamos cada vez mais apáticos. Nesse contexto, O Estrago se fortalece.

A história de Minas Gerais é também a história da colonização. A invasão e perpetuação da violência da escravidão, a extração das riquezas da terra e o poder sobre a natureza. Acreditamos que existe força e energia na natureza, que pertencemos a ela. Mas que agora ela responde à nossa tentativa de subjugá-la.

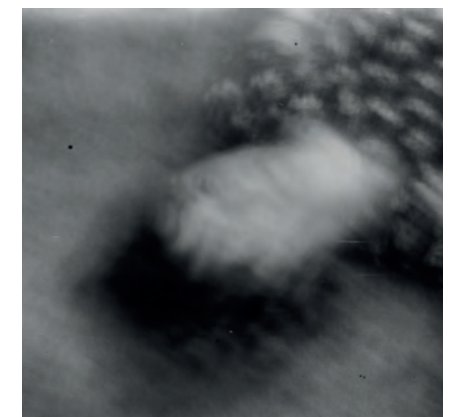
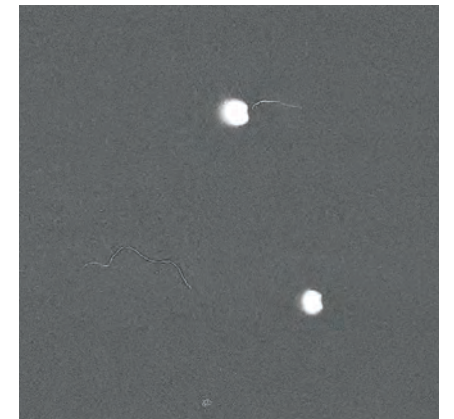
O sangue das montanhas, que sangra há tanto tempo, fere o solo e carrega nosso espaço com muita força espiritual e energética. O estrago da fauna, da flora e das pessoas, comunica as diversas questões que envolvem o movimento, energia e sentimentos dos seres, suas interações naturais e sociais entre si e com o espaço.

Na tarde de 5 de novembro de 2015, em Mariana, no subdistrito de Bento Rodrigues.

Na tarde do dia 25 de janeiro de 2019, em Brumadinho.

É importante ressaltar que a responsabilidade por esses crimes continuam a ser da Vale e da Samarco. Esses acontecimentos têm significâncias múltiplas nas relações de todas as coisas, e nelas em si mesmas.

Nossa cidade, planejada desconsiderando o ecossistema existente no espaço, é reflexo do elitismo mineiro. É o próprio tecido urbano que estraga os rios e córregos que vivem aqui, enterrados em concreto e asfalto. São os prédios de vidro espelhado a poluição dos automóveis o plástico diário o





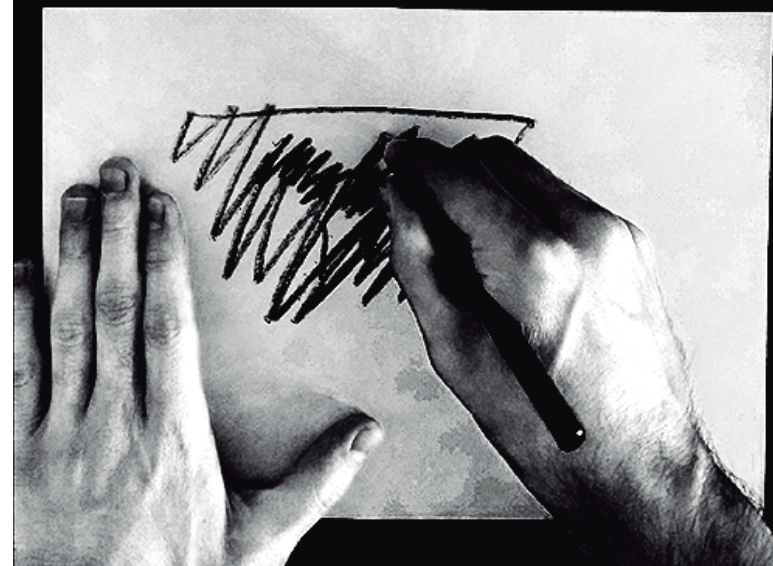
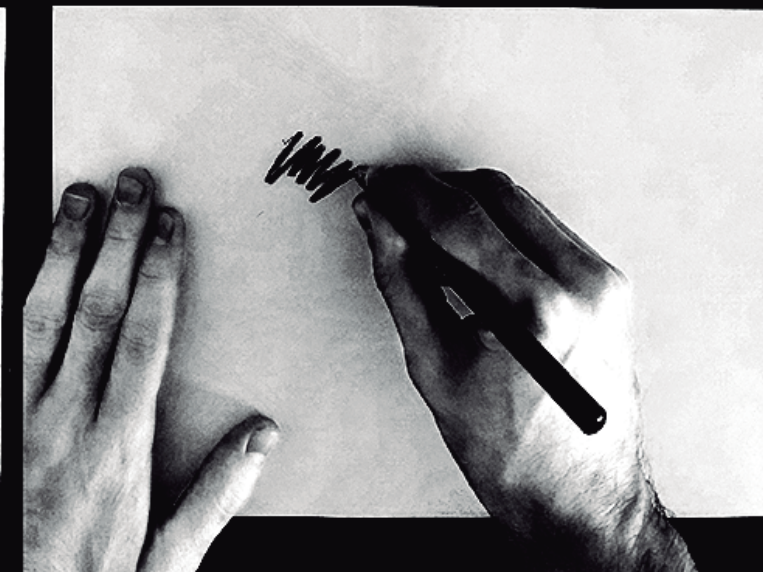
*monóxido a chuva ácida quasedilúvio o peso do dinheiro os conservantes os conservadores o fogo o óleo o chorume perfumado o descaso a negligência o barulho mecânico o silêncio culpado e o modo de vida imposto e assimilado que matam todos os dias a natureza viva do mar de morros. **BH é o próprio Estrago estampado no coração do nosso Estado.** Nosso símbolo turístico, a Serra do Curral, não é mais que uma casca escavada pela mineração, um grande outdoor. Nossos rios estão mortos, os animais expulsos, a biosfera contida e dominada, lutando a todo momento para se mostrar presente. As pessoas presas à vida diária da longa jornada de*

trabalho, não conseguem escapar da toxicidade urbana, que nos fascina e prende em suas garras das mais diversas formas pensáveis. A vida nas grandes cidades é cada vez mais claustrofóbica e aberta ao questionamento, pois suas tentações importam cada vez menos.

O mundo pós-estrago é pós-ruptura. Não há mais como conciliar as ideologias e modos de vida dentro de uma mesma realidade. O mundo teria que se desdobrar em vários para fazer caber às aspirações de cada um. Nesse sentido, esta publicação é uma proposta. Vamos celebrar o processo criativo coletivo porque acreditamos que a arte tem o poder de estabelecer uma relação mais harmoniosa com o viver na Terra. Não esquecer do que já foi, mas celebrar uma possibilidade de cores que podem vir. Nunca abrir mão de ter um projeto de sociedade em que acreditamos.

O caminho em que compulsoriamente seguimos termina numa rua sem saída .

o dia em que o amanhã morreu
eu dançava loucamente
ritmos estrangeiros que me lembravam de casa
mal sabíamos
que o luto do futuro descartaria o passado
transcrito violentamente em páginas impessoais
arial calibre
se perceber no dano
filho ingrato do chão de melão
a fumaça preta no peito
aberto no ar
amargos se acumulam como camadas sob os pés
intangível
o estrago moldou a realidade
de novo
e o caldo insosso já não alimenta
entala no garganta
como um banho gelado
(unha encravada)





O dia em que o amanhã morreu
eu dançava loucamente
ritmos estrangeiros que me lembravam de casa
mal sabíamos
que o luto do futuro descartaria o passado
transcrito violentamente em arial calibre
se perceber no dia e que não é pasteurizado
filho ingrato do chá e que existe além de um nome
a fumaça preta no peito além de um bicho
aberto no ar o que morre mas resiste
amargos se acumulam no palco manchado
intangível queima meus pés em proteção
o estrago moldou a realidade um gato caolho sempre alerta
de novo um fungo nascendo da morte
irmã mais velha da finitude
e o caldo insosso já não alimenta
entala no garganta
como um banho gelado
(unha encravada)

O dia em que o amanhã morreu
eu dançava loucamente
ritmos estrangeiros que me lembravam de casa
mal sabíamos

que o luto do futuro descartaria o passado
transcrito violentamente em páginas

arial calibre 12

se percebe o que é um bicho

filha de uma mãe que morreu

de novo um gato caótico sempre dentro

de novo um gato caótico sempre dentro

caldo insosso já não alimenta
entala no garganta
como um banho gelado
(unha encravada)

BRASO PERNA OSSO TRIPA AÇO
SANGUE OURO MONTE
ARRORE METRALHADORA

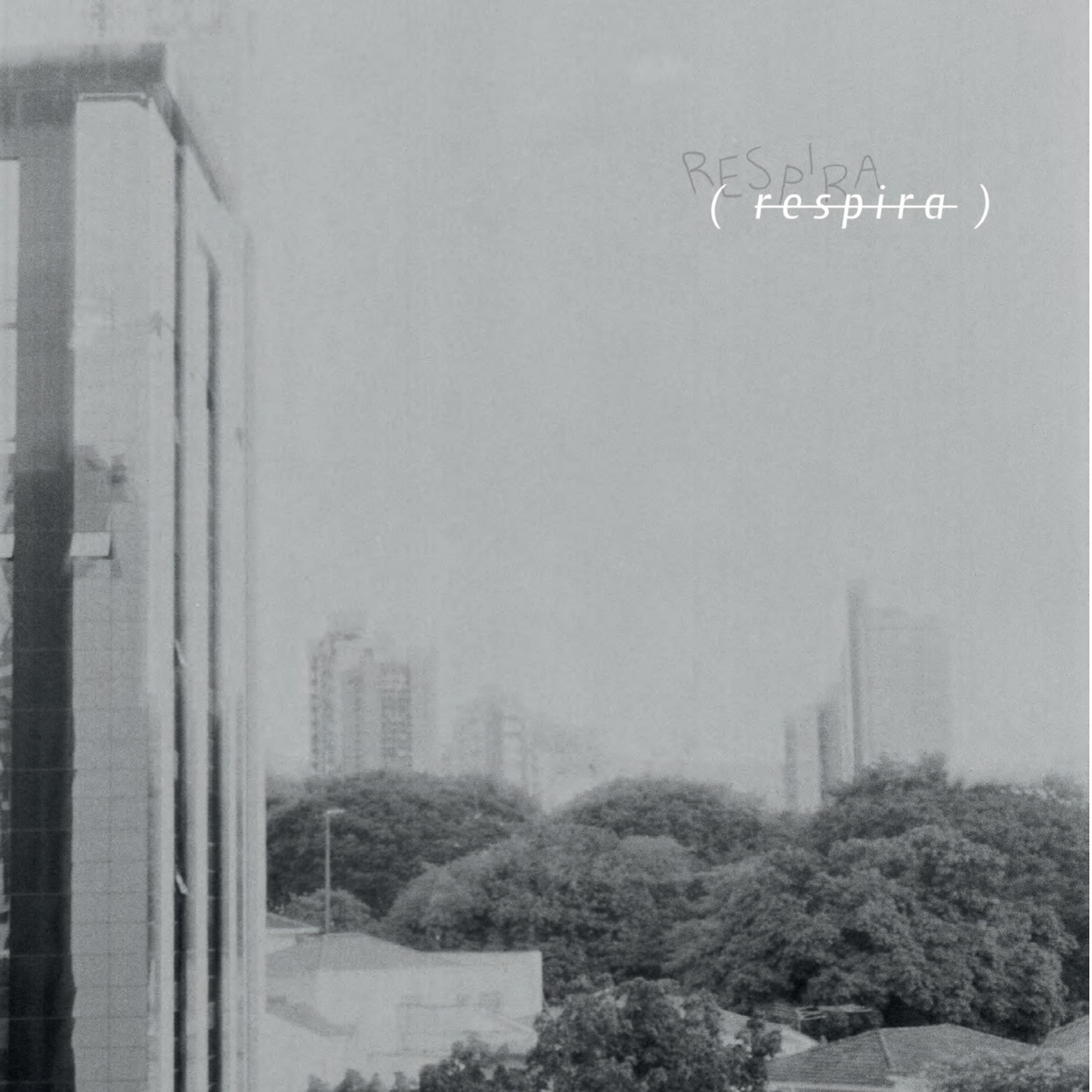




o dia em que o amanhã morreu
eu dançava loucamente
ritmos estrangeiros que me lembravam de casa
mal sabíamos
que o luto do futuro descartaria o passado
transcrito violentamente em páginas desleixadas
arial calibre 10 que não se sabe ler
se percebermos que não existe a morte
filho do diabo do chão de um bicho
a lunaca preta no peito de um gato manchado
amargura se acumula no peito de um gato manchado
o estranho que morre mais cedo
o irmão gêmeo que morre mais cedo
o irmão gêmeo que morre mais cedo
de novo um gato caído sempre alerta
o caldo insosso já não alimenta
entala no garganta
como um banho gelado
o reflexo da lâmpada na janela atrapalhando a vista do céu







RESPIRA
(respira)

Faz-se a palavra do povo do fogo, da chama que consome tudo em sua volta. Do grande incêndio que não mais esquentava, mas queima aos céus, em uma reação de combustão ininterrupta, puxando o mundo para si.

Falta-me. Logo, falta-te. É tão escasso quanto a falta de ar quando paramos de sentir. Cada respiração é um passo corajoso em direção à vida, uma clara desobediência de um corpo ancião. O oxigênio nos falta quando o gado puxa tudo, suga a floresta para dentro do seu sofrimento. Para esses, o pulmão cheio compensa a raiva e a dor da existência. O estômago, que não aguenta mais comer, perde o fôlego, e todos nós, nossa energia.

Mas afinal, de onde vem tanta?

Nossa estrela nos alimenta com sua luz, todos os dias. Derrama um calor profundo que escorre nas plantas. A atmosfera, paciente, nos protege da violência dos raios, permitindo que floresçam fauna e flora. Mas o Sol continua a queimar, sem descanso e a atmosfera já não é como antes.

(~~montanha // água //~~
~~paisagem política~~)



*era como se as montanhas segurassem uma força grande
coando o impacto da água
tudo então se desmanchava na soma dos fios,
dos rios para o lago, e a neblina
existia porque o que passava era protegido*

*mas então, dos rios para o asfalto
o ar que é puro, bloqueado
ventos espelhados no calor que ressoa retumbante
dos rios para o asfalto
(o ser humano direciona como lhe convém)*

*uma luta se dá na paisagem
na montanha, o que resta é a crosta
vista bonita pra quem paga
do outro lado,
se desmancha em lama*

*já que a natureza engole
da boca da crosta
vem a garganta*



(~~terra // posse // história~~)

e a terra de quem é?

nossa nunca foi (mas pindorama)

*carregamos em nosso nome a extração, de tinta vermelho-sangue
apesar do >progresso<, a questão continua a mesma.*

dos frutos do solo ao trabalho forçado

é a terra algo a ser dividido ou algo a ser explorado?

patriotismo originário na opressão e violência,

verticalizando o acesso ao espaço.

(~~passado~~//~~abstrato~~//
~~natural~~)

*já se foram os dias
consigo imaginar o feixe de luz do sol abençoando
ou simplesmente iluminando onde se estava e o que se tinha*

*a natureza e o seu feixe (eu acho, tento lembrar)
até consigo capturá-lo por acaso,
na minha cabeça imaginava
o abstrato na matéria*

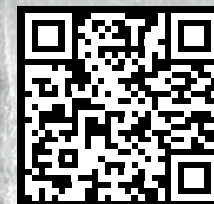
*faz — pensa
faz — pensa
faz — pensa*



é sobre não ter medo
do mundo, de mim e
dos sentimentos que talvez brotem do meu recheio
me lambuzar de mim e de outros
misturar tudo galho com nuvem
cheiro de lavanda pode dizer mais que mil imagens
poder ser gentil
chão macio teto aberto

é sobre ter desejo
no passo na curva nos dedos pintados
(que apontam pra todas as direções)
na falta que eu nunca soube que um abraço podia fazer
existir no toque nunca foi fútil
pele tão funda que não dá pé

(**estrago**) é uma publicação independente criada pelo grupo musical **O Cerne**, em parceria com os artistas convidados Bárbara Daros, Giovanna Almeida Cunha e Rogério Rodrigues. Elaborada entre Maio e Outubro de 2020, na distância das casas de cada um, tentando dar sentido a um mundo que por ora não existe. Composta na fonte Cantiga, miolo e encarte em papel pólen bold 90g/m², e capa em papel Splendorgel Extra White 140g/m². Impressão offset e encadernação manual. Belo Horizonte. 2020.



Escaneie o código ou acesse

<https://ocerne.com.br/links/zine.html>

para adquirir sua versão física da Zine.

o cerne

zine estrago

1ª edição

2020